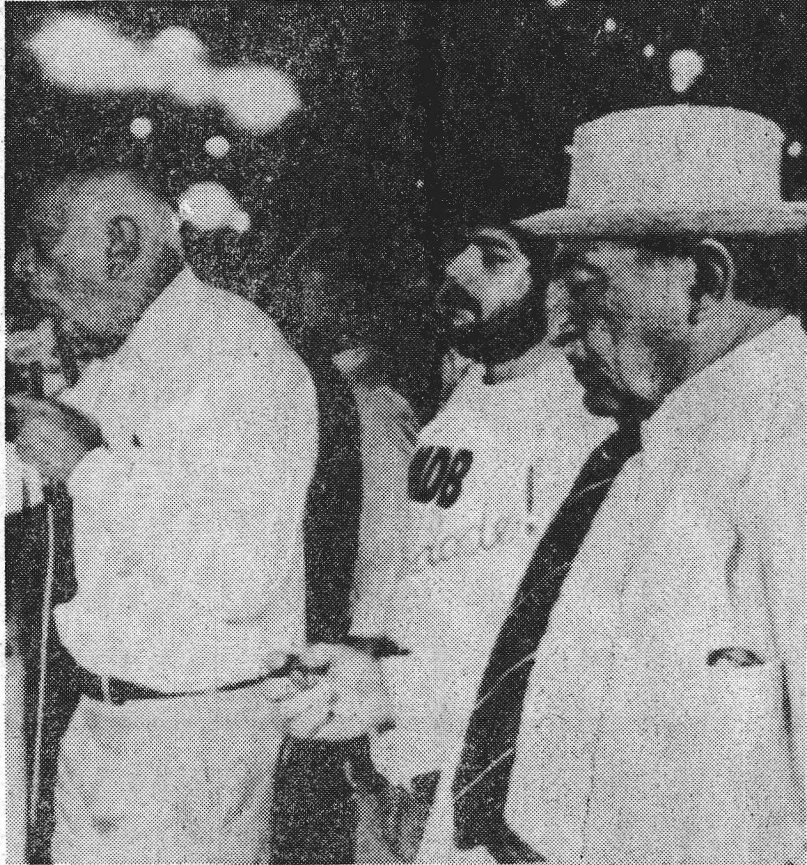


Os outros

Estes candidatos não ganharão a eleição, mas ajudaram a remontar o tabuleiro da política

Natanael Guedes — 28/10/89



Arraes sempre demonstrou antipatia por Ulysses

Ulysses

Nem o partido vai sobrar

No dia 14 de fevereiro desde ano, Ulysses Guimarães que havia sido o político com maior parcela de poder da Nova República — como presidente do PMDB, da Assembleia Nacional Constituinte e da Câmara dos Deputados, e por força desse último cargo, substituído eventual do presidente José Sarney —, ficou reduzido apenas ao comando do partido. Hoje, depois de insistir com uma candidatura que os governadores pemedebistas sabiam desgastada e sem autonomia de voo, Ulysses vai saindo da campanha despojado até mesmo da legenda que teve nele, desde os tempos do MDB, um seguro timoneiro.

Se desejar, Ulysses pode reassumir a presidência nacional do PMDB, na próxima quinta-feira (um dia depois da eleição), mas vai ficar pouco tempo à sua frente. O que sobrar do partido será disputado pelo governador Orestes Quêrcia (São Paulo), num primeiro plano, e pelos governadores Moreira Franco (Rio de Janeiro), Newton Cardoso (Minas), Álvaro Dias (Paraná) e Pedro Simon (Rio Grande do Sul). Com diretórios nos 4 mil e 500 municípios, o PMDB dividiu-se, antes mesmo do lançamento

da candidatura de Ulysses, cedendo quadros importantes e bases expressivas para Fernando Collor (PRN), Mário Covas (PSDB), Luís Inácio Lula da Silva (PT) e até para Paulo Maluf (PDS).

Ulysses que foi em 1984 uma das grandes estrelas dos comícios da campanha pelas diretas já — era ainda atração nas apresentações de Tancredo Neves, país afora, para avalizar na praça pública a disputa da eleição indireta de 15 de janeiro de 1985 — só tentou, na presente campanha, falar uma única vez em grandes praças: quarta-feira passada, na Sé, onde não levou mais de 10 mil pessoas para ouvi-lo.

Para evitar maiores constrangimentos ao candidato, em respeito ao seu passado, os governadores pemedebistas que ainda se animaram a receber Ulysses, o levaram para comícios em praças distantes do interior. O governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, preparou, por exemplo, um comício no Chui, onde encontrou dificuldades para reunir 2 mil pessoas, que seria mais próprio para a apresentação de um candidato a vereador e não de um candidato a presidente.

Waldemar Sabino — 28/10/89



Neila Alkmin (C) chegou até a prever a vitória de Afif

Afif

Ascensão e queda do liberal

O deputado Guilherme Afif Domin- gos, 45 anos, chega ao final da campanha oito quilos mais magro e com a impressão, algo exagerada, de que o Partido Liberal — o PL do deputado Álvaro Valle — foi pequeno demais para o seu projeto político. Essa impressão, Afif a manifesta baseado no fato de não ter encontrado uma sólida retaguarda partidária para ajudá-lo a se defender das críticas dos adversários, na hora crucial da campanha, quando começou a crescer nas pesquisas.

No ápice de sua popularidade, Afif atingiu em setembro os 13% nas pesquisas, chegando perto de Lula e Brizola e ultrapassando Covas, que o transformaram em alvo de um intenso tiroio. Mas quem mais acusou e reagiu ao crescimento do candidato do PL foi o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, que não se conformou com a conquista pelo adversário de importantes fatias do eleitorado de Minas.

Considerado até então o candidato de melhor desempenho no horário da

propaganda eleitoral gratuita pela televisão, Afif desabou quando Collor, primeiro, e Lula e Covas depois, cobraram dele votações ou omissões na Constituinte durante a apreciação de matérias de interesse dos trabalhadores. Mas foi no terceiro dos quatro debates realizados pela Rede Bandeirantes, na metade de outubro, que o candidato do PL acabou. Em um confronto com Covas, Afif ficou nervoso, ficou com o rosto todo empolado — uma alergia que o ataca em momentos de raiva — e se mostrou ingênuo na resposta sobre a sua atuação na Constituinte.

Afif, de qualquer maneira, chega ao final da campanha conhecido nacionalmente como um político liberal. Até o ano que vem, quando deverá se apresentar, provavelmente por um outro partido, candidato ao governo de São Paulo, Afif vai torcer para que a sua péssima atuação na Constituinte, do ponto de vista dos sindicatos dos trabalhadores, não pese tanto e vire uma velha pedra em seu telhado de vidro.

Aureliano

Gesto final salva imagem

Aureliano Chaves, candidato do PFL, entrou na campanha com a adesão de todo o partido para ser uma opção conservadora, que imaginava sustentar com os mais de 50% de popularidade que contava no fim do governo João Figueiredo, de quem foi vice-presidente. Atravessou a campanha entre lamúrias pelo abandono a que ficou relegado, sem dinheiro e sem apoio de qualquer espécie. E conseguiu chegar ao final evitando arranhões na sua imagem de homem honesto, principalmente depois de haver recuado da decisão momentânea de renunciar para ser substituído pelo empresário Sílvio Santos, a apenas 20 dias das eleições.

Agora sem partido, porque o PFL dividiu-se abertamente entre outras candidaturas, e com índices insignificantes de aceitação popular demonstrados em todas as pesquisas de opinião, Aureliano vê afastar-se um sonho que acalentava, o de voltar ao governo de Minas, em 1990. Encerrou a campanha mais cedo, com um comício em Três Pontas, Sul do seu estado. No segundo turno, poderá ficar com o candidato do PDT, Leonel Brizola, com

quem vem trocando gentilezas, ou se recolher a sua fazenda.

O PFL passou a sucessão à procura de um candidato, sempre considerando que Aureliano estava apenas guardando um lugar — seja para o animador Sílvio Santos, para o empresário Antônio Ermirio de Moraes, ou até mesmo para o ex-prefeito de São Paulo, Jânio Quadros. “Estão querendo me cozinhar como um galo”, protestou Aureliano, ao saber que o senador Marco Maciel pretendia fazer prévias dentro do partido para a escolha do candidato a presidente.

Um dos que o levaram à vitória nas prévias, o senador Marcondes Gadelha — ex-vice de Sílvio Santos na chapa do PMB, candidatura que hoje está impugnada — definiu o que estavam fazendo com Aureliano: “Nós o jogamos na água para ver se ele nada”. Na convenção, realizada em julho, o candidato assegurou que desistiria se não conseguisse atingir três objetivos: unir o partido, unir Minas Gerais e empolgar o eleitor. Não cumpriu as três metas nem a promessa de renunciar.

Três Pontas, MG — Aarão Octaviani



Aureliano autografou o seu cartaz de campanha

Maluf

Esperança é Sílvio Santos

O candidato do PDS, Paulo Maluf, que chegou a defender, por esperança, a entrada de Sílvio Santos na cena sucessória — foi orientado por assessores jurídicos para o fato de que o animador dificilmente conseguiria o registro —, espera que o dono do SBT retribua a gentileza, agora que está definitivamente fora da eleição, recomendando-o hoje às fás em seu popular programa de auditório.

Mas o sonho de Maluf tem até uma frase que construiu, na imaginação, na esperança de que Sílvio Santos a materialize no programa: “Minhas colegas de trabalho, eu fiquei de fora. Tudo bem, fica para a próxima. Na quarta-feira, não se esqueçam de votar no mais competente.” Como adotou, em seus programas da propaganda eleitoral gratuita, o slogan de presidente competente, Maluf, se Sílvio chegar a tanto, acredita que ganhará um importante reforço de votos nessa reta final da campanha.

Algum ganho, Maluf — um político que disputa qualquer eleição desde a sua derrota para Tancredo Neves no Colégio Eleitoral das indiretas — já obteve com a saída de Sílvio Santos.

Políticos do PFL, que saltaram da candidatura de Aureliano para a do dono do Baú da Felicidade, estão agora buscando abrigo junto ao candidato do PDS. De hoje até terça-feira, véspera da eleição, Maluf vai perseguir, entre os eleitores de Aureliano, Afif e Caiado, o voto útil pela direita, mas com uma preocupação: se apresentar, acima das fronteiras ideológicas, como o mais competente.

Há quem sonhe, entre os assessores do candidato, mais alto do que ele mesmo. No caso, os que acham possível uma passagem de Maluf para o segundo turno da eleição, quebrando uma interminável série de derrotas que passaram por Franco Montoro e Orestes Quêrcia para o governo de São Paulo, Tancredo Neves para a Presidência da República e Luiza Erundina para a Prefeitura de São Paulo, no ano que vem.

Em campanha, Maluf cometeu alguns baixos, como o da defesa do estupro, desde que não ocorresse morte. Para ele, se der para chegar, deu. Se não der, o jeito será disputar mais uma vez, no ano que vem, o governo paulista.

Gustavo Miranda — 4/10/89



Maluf, no Rio, não encontrou maior apoio popular

Sonia D'Almeida — 9/10/89



Freire fez da sua campanha uma festa permanente

Freire

A nova cara do 'partidão'

Roberto Freire chega à eleição com uma vitória antecipada: conseguiu, em oito meses de campanha, tirar o PCB (Partido Comunista Brasileiro) do isolamento em que estava mergulhado pelos anos de clandestinidade, brigas internas e rachas sucessivos. O velho 'partidão', quem diria, sai dessa eleição como novidade, embora pelas contas dos seus dirigentes, o candidato não deva ter mais de 3% dos votos.

Mas o sucesso que Freire fez, principalmente entre o eleitorado mais instruído e a parte da esquerda insatisfeita com o populismo do PDT e o corporativismo do PT, serviu para que o 'partidão' retornasse à cena política com esperança de eleger dez deputados federais (hoje tem três) e um governador nas eleições do ano que vem.

O discurso franco e moderno de Freire venceu muitos preconceitos alimentados há décadas contra o comunismo. Com esse discurso, pregando a prática do socialismo renovado, sem importação de modelos prontos, onde a democracia ampla, o pluralismo e a alternância de poder convivem

em harmonia, Freire conquistou eleitores fora das fileiras do PCB.

O candidato do PCB declarou, até, o que em um país católico como o Brasil pode atrair a simpatia dos jovens, pela franqueza, mas alista eleitores conservadores.

Para o 'partidão', que desde 1945 não participava da sucessão presidencial com candidato próprio, a expectativa era ganhar 1% dos votos. No auge do sucesso de Freire, chegou a sonhar com 5%, mas hoje alguns dirigentes admitem que o voto útil baixe esse percentual otimista para 3%.

A cúpula do PCB não acredita que na reta final haja um esvaziamento maior, porque já é quase certo que a esquerda disputará o segundo turno. Hoje à noite, em Recife, Freire encerra a campanha com um comício que promete ser o seu recorde de público. Há quem garanta, contudo, que o grão de responsável pela nova imagem do velho 'partidão' mude de domicílio no ano que vem e venha a se candidatar ao governo do Rio de Janeiro.

Mauro Mattos — 9/11/89



Caiado manteve confronto permanente com a esquerda

Caiado

O fiasco eleitoral da UDR

Quando, em julho de 1987, o então dono da União Democrática Ruralista (UDR), Ronaldo Caiado, liderou uma passeata de 40 mil produtores rurais, em Brasília, contra a proposta de reforma agrária defendida por partidos de esquerda na Constituinte, a impressão geral era de que ele seria um forte concorrente nas eleições para a sucessão do presidente José Sarney. A suspeita não se confirmou. Hoje, depois de ter atacado de todas as formas seus inimigos — concentrando-se principalmente no PT —, e após ter invadido o Rio com tratores, Caiado volta a Anápolis, sua terra natal, na condição de integrante do rol dos candidatos 'lameiros' — com menos de 1% nas intenções de voto, segundo as pesquisas de opinião.

Sua campanha teve uma característica muito forte: provar que latifundiário também é gente. O que provou, entretanto, é que ele mesmo é menor do que o Caiado da época da Constituinte. Irônico, para alguns, arrogante, para outros, Ronaldo Caiado acabou sendo abandonado por boa parte de seus seguidores da UDR. O prefeito de Campo Grande, Lúcio Coelho, eleito

com apoio da entidade ruralista, preferiu *collorir* a seguir Caiado.

Um dos objetivos do líder ruralista era marcar sua candidatura como realmente de direita, algo surpreendente num país onde todos os políticos se caracterizam como de esquerda e de centro. Por isso, escolheu o PT, velho inimigo da UDR nas lutas pela terra, para se vir de paralelo. Foi assim que ele denunciou, no último debate da TV Bandeirantes, o Caso Lubeca.

Caiado sustentou a denúncia de que o PT teria recebido dinheiro da empreiteira para a campanha de Lula em troca da liberação de obras. No entanto, com a comprovação do não envolvimento do PT no caso, o caso Lubeca serviu como um bumerangue, atingindo em cheio o candidato do PSD, a Justiça Eleitoral, como castigo, deu ao partido de Lula o precioso tempo de TV de Caiado durante três dias — seja, seis programas de cinco minutos cada um. A campanha de Caiado pode ter outras utilidades, além de quebrar vidraças da esquerda. Para ele, há chances de comprar um passaporte para o Congresso na eleição do próximo ano, até de disputar o governo de Goiás.